

O papel do dicionário no ensino e aprendizagem das línguas

Ignacio Vázquez

Universitat de Barcelona

Gostaria de apresentar nas seguintes linhas o dicionário como elemento importante – e sob a minha opinião indispensável – na aprendizagem de línguas.

Fá-lo-ei nos seus dois aspectos mais importantes, na aprendizagem da língua materna e na aprendizagem de uma língua estrangeira.

No que diz respeito à aprendizagem da língua materna tem um duplo valor:

- o primeiro deles vem apoiado hoje pela Sociologia,
- o segundo contribui para que o aluno aprenda o uso do vocabulário.

Os dois valores estão unidos indissociavelmente e respondem claramente à aquisição da língua materna dentro de parâmetros sociais mínimos considerados necessários para conviver numa dada sociedade.

Um dos grandes problemas que apresenta hoje a educação nos nossos países é a falta de um critério claro quando não se considera que os aspectos formais da educação são importantes. Mas, na realidade, sem forma não há fundo e se há mas não se sabe controlá-la é como se não houvesse.

Não se trata do debate entre os conteúdos ou o aprender a aprender, mas de conseguir uma cabeça bem pensante graças ao domínio das formas. Como afirma o já clássico pressuposto, sem linguagem não há pensamento. Trata-se, enfim, e utilizando terminologia pedagógica, de adquirir as “competências básicas” estabelecidas na *Ley Orgánica de Educación (espanhola)* [L.O.E.] de 2006:

- competência em comunicação linguística,
 - competência para aprender a aprender,
 - autonomia e iniciativa pessoal,
 - aprender a tratar a informação,
 - ter competência social e cidadã,
 - competência no conhecimento de interacção com o mundo físico,
 - competência artística e cultural e
 - competência matemática.
-

Para conseguir esse estado aceitável de indivíduo bem pensante segundo as linhas sociais marcadas – e eu acrescentaria também, segundo o senso comum e prático – a pessoa tem de começar desde uma idade precoce a utilizar elementos de consulta. Desde o início da sua educação que o aluno deveria de mostrar curiosidade pelas coisas e ser ciente de que está a aprender tudo acerca do mundo em que vive. Se essa capacidade não aparece de *motu proprio* pode ser fomentada pelo professor. Seja como for, o dicionário é a ferramenta ideal para aprender o procedimento da consulta. É o primeiro professor que os alunos vão ter na longa etapa da aprendizagem. A consulta é a procura de dados, de informação sobre qualquer assunto ou matéria que os vai conformar como seres humanos pensantes.

O uso desse livro normalmente alfabético pode supor o descobrimento das estratégias adequadas para tirar as dúvidas que se lhes apresentam, e para adquirir consciência da necessidade de um uso responsável da língua.

Torna-se necessário, pois, que os alunos conheçam as possibilidades que lhes oferece esta ferramenta de consulta. É um instrumento imprescindível para a aprendizagem do léxico e da língua em geral. Deveria estar presente em todas as aulas. Os programas actuais – lembremos o *Real Decreto de Mínimos da ESO* (Real Decreto 3473/2000, de 29 de Dezembro) – outorgam-lhe uma importância especial juntamente com as novas tecnologias (a Internet). O conhecimento das informações que oferecem os dicionários e a sua utilização proporcionam ao aluno um grau de autonomia muito elevado.

Todo esse processo se baseia, fundamentalmente e de maneira inequívoca, na aquisição e no uso do léxico. Através dele é que se forma a língua e através dele é que funciona toda a estrutura da língua (gramática e sintaxe).

No que diz respeito à aprendizagem e mesmo ao ensino de uma língua estrangeira, é sabido que o dicionário é actualmente um instrumento essencial: nos primeiros tempos, quando o aprendiz está a conhecer a língua; e quando já a conhece e precisa de aperfeiçoar a linguagem. Se a pessoa se dedica à tradução, então a importância do dicionário é fundamental.

Mas esta situação é assim apenas no presente, desde há muito poucos anos. No início, o dicionário, esse livro por todos conhecido, servia basicamente para a descodificação de um texto escrito, uma obra ao serviço da literatura. Não esqueçamos que antes de Saussure a língua por excelência era a escrita. A oral não se tinha em conta. Nesse aspecto, Bally já em 1925 criticava a tendência anacrónica e pré-saussureana de estudar a língua como definição de normas linguísticas a imitar dos clássicos. Dizia Bally:

«Valeria a pena mostrar a que excessos e a que erros conduziu esta falsa concepção. Em primeiro lugar, o fetichismo da língua escrita, acompanhado evidentemente de um menosprezo soberano para a língua falada, qualificada de reles, que não obstante é a única verdadeira, já que é a única original»¹

É a partir dessa altura que o dicionário atinge a importância que hoje tem em qualquer nível da língua. Surgem então dicionários de dúvidas, de erros, de sinónimos e, sobre tudo, de uso, para além dos históricos, normativos, monolíngues, multilíngues e bilíngues já existentes. Estes últimos, iniciadores verdadeiros há 4.000 anos da lexicografia na antiga Suméria, são construídos agora para servirem na aprendizagem da língua B partindo da língua A, e aperfeiçoam a técnica da tradução.

A aprendizagem e o ensino de vocabulário foram durante anos os grandes esquecidos em qualquer aula de línguas estrangeiras. Erroneamente considerava-se que um enfoque meramente gramatical era prioritariamente necessário, quando hoje sabemos que uma maior profundidade no conhecimento do vocabulário facilita o processo de aprendizagem gramatical e ajuda o aluno a identificar estruturas mais facilmente, que os alunos ganham confiança quando escrevem ou lêem se têm mais léxico.

A estrutura e a norma estavam por cima da comunicação que é, em definitiva, o fim básico de uma língua.

A falta de concordância entre distintas disciplinas linguísticas no âmbito da pedagogia do vocabulário, tal como a ausência de uma metodologia clara para definir e delimitar a aquisição do mesmo contribuíram para ignorar os dicionários como ferramentas indispensáveis na aprendizagem e ensino de línguas estrangeiras.

Se considerarmos que um estudante aprende vocabulário com a leitura e vê no dicionário uma ferramenta de apoio, esse livro converte-se num ponto de referência absolutamente necessário no âmbito educativo de uma segunda língua.

O léxico foi ignorado durante décadas na sua aplicação didáctica dado que os métodos linguísticos que marcaram durante anos a investigação, o estudo e a metodologia da língua (estruturalismo e generativismo) preferiram estudar a fonética e a gramática porque o vocabulário parece menos proclive a ser generalizado do que um sistema fechado como a fonética ou a gramática².

Mas não só os novos métodos didácticos, também os recentes estudos levados a cabo e a experiência docente de professores de L2 levam a afirmar a importância do léxico no ensino e aprendizagem de uma língua. Diz Laufer que o vocabulário é hoje

1 Bally, Charles (1925), *Le langage et la vie*, Droz, Genève.

2 Laufer, B. (1997), "What's in a word that makes it hard or easy: Some intralexical factors that affect the learning of words." en N. Schmitt y M. McCarthy (eds.) 1997: *Vocabulary: Description, acquisition and pedagogy*. Cambridge: Cambridge University Press. Capítulo 2.3.

reconhecido como o ponto central no processo da aquisição da língua, nativa ou não nativa³.

Quase todos os investigadores concordam em afirmar a importância do dicionário na aprendizagem de uma língua e caberia dizer no seu aperfeiçoamento. É juntamente com a gramática um dos elementos imprescindíveis nesse processo. Mas os investigadores assinalam nessa sequência uma necessidade que afecta a um dos elementos fundamentais do ensino: é o professor que não deve supor nenhum conhecimento no uso do dicionário por parte do aluno, porque ainda que conheça a ordem alfabética, o dicionário tem uma série de codificações, abreviaturas, informações que é preciso saber para lhe tirar o máximo rendimento e, por isso, o docente tem de explicar ao aluno esses procedimentos. O professor tem de ensinar o aluno a manejar o dicionário e tem de lhe mostrar a sua utilidade. No fim, utilizando cada docente o método que achar adequado, como interpretar um dicionário ajuda a melhorar o uso da língua pelo aluno.

Se as suas possibilidades são infinitas, destacam-se, porém, as seguintes como principais:

- descodificação escrita (leitura)
- codificação escrita (escrita)
- descodificação oral (compreensão oral)
- codificação oral (expressão oral)
- descodificação de L1 (tradução de L2 a L1) e
- codificação de L2 (tradução de L1 a L2).

Leitura, escrita, compreensão, expressão, tradução... o dicionário parece cobrir inúmeras necessidades no processo da aprendizagem do aluno.

Mas, para além disso, o dicionário é um elemento divulgador de cultura, seja o dicionário monolíngue, seja o bilingue. Josefina Prado Aragonés⁴ diz que o dicionário não é só uma obra linguística, mas também um instrumento cultural que inclui informação extra-linguística (enciclopédica, etnográfica, antropológica e ideológica) e transmite e difunde socialmente, confirmadas como norma de uso, palavras com informação sobre o mundo e sobre a cultura da comunidade que fala essa língua. Essa informação cultural e enciclopédica apresenta-se no dicionário, por vezes na definição, mas fundamentalmente nos exemplos de uso nos quais se mostram contextualizados os modelos de uso da língua. Quer dizer, a informação contida num dicionário é outro modo de explicar a cultura.

Consideramos que apesar das possíveis limitações do dicionário, este é uma excelente ferramenta de trabalho e de consulta quer para professores, quer para alunos, tanto de uma língua materna como de uma segunda língua.

3 Laufer, op. cit., p.140.

4 Prado Aragonés, Josefina (2004), “El ejemplo lexicográfico como referente cultural en la enseñanza del español como lengua extranjera” en Prado Aragonés y Galloso Camacho, *Diccionario, léxico y cultura*, Huelva, Universidad de Huelva (págs. 157-173).